

## A FIGURA FEMININA NO CONTO “A SUICIDA”, DE REVOCATA HELOÍSA DE MELO

Marina Pereira Penteado<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo sobre o conto “A suicida”, da escritora gaúcha Revocata Heloísa de Melo (1853-1944), é um dos resultados da pesquisa “Dicionário de autores de Rio Grande no século XIX”, que desenvolve um trabalho com a obra da escritora e, mais amplamente, pretende reunir, organizar e divulgar dados biográficos existentes sobre os autores que participaram na consolidação do sistema literário rio-grandino nesse período. Para isso, estudam-se fontes primárias (periódicos) e secundárias (artigos, relatórios, projetos de pesquisa, dissertações de mestrado e teses de doutorado) em torno da literatura produzida nesta cidade sulina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura sul-rio-grandense, Revocata Heloísa de Melo, literatura feminina.

Revocata Heloísa de Melo (Porto Alegre, 31 dez. 1853, Rio Grande, 23 fev. 1944), neta do autor da primeira gramática publicada no Rio Grande do Sul e filha de Revocata dos Passos Figueroa e Melo, participou da Sociedade Partenon Literário e, junto com sua irmã Julieta de Melo Monteiro, fundou os jornais literários *Violeta* (1874-1875) e *Corimbo* (1883-1943), que editaram textos de escritoras da época. Publicou ainda livros, como *Folhas errantes* (contos e crônicas, 1882), *Alma e coração* (contos, 1898), *Berilos* (contos e crônicas, 1911, em parceria com sua irmã) e *Coração de mãe* (drama, 1893, também em parceria com Julieta).

O livro *Berilos* foi publicado em Rio Grande e é composto por duas partes: a primeira escrita por Revocata e a segunda pela irmã. A parte inicial, onde se encontra o texto “A suicida, subdivide-se em outras duas, a primeira com catorze textos e a segunda com vinte. E entre estes textos, aparecem algumas frases, às vezes soltas, às vezes relacionadas com o conto que as segue.

O título do livro, *Berilos*, significa cristais hexagonais que podem ser muito pequenos. Esses cristais, quando terminados, são consideravelmente raros, e podem ser transparentes ou translúcidos, assim como o elemento da água, que está constantemente presente no livro, como no conto “A suicida”, quando a personagem principal, Regina, observa o mar calmo, que está em contraste com o conturbado momento em que ela se encontra. Esses berilos são também matizados freqüentemente por impurezas, assim como os textos ali publicados, que são pequenos e procuram demonstrar o lado genuíno de alguns personagens, embora essas figuras ficcionais também apresentem algo de impuro, como a protagonista deste conto, que parece racional em alguns momentos, certa do que deve fazer, e em outros parece estar totalmente perdida em meio a devaneios.

O narrador deste conto, heterodiegético e onisciente, começa a narrativa dizendo que Regina pensava muitas vezes que o suicídio não era covardia e continua, até o final do conto, narrando os monólogos interiores da personagem, o que caracteriza esse conto como de ação interna. Em seguida, notamos o quanto a personagem parece deprimida com algo que ainda não temos certeza do que é exatamente, só sabemos que a vida a sufoca quando diz “esse viver que atrofia, que aniquila o corpo e o espírito” (p. 12) e que ela tem que acabar com aquele sofrimento, que “saber morrer em certas circunstâncias da vida é um heroísmo” (p. 12). A personagem principal continua divagando sobre os seus sofrimentos e a sua alma atormentada, enquanto observa o mar, até que começa a escrever uma carta, ou um bilhete, que provavelmente seria deixado para alguém próximo com alguma explicação para o ato cometido, mas logo a protagonista muda de idéia e deixa a carta de lado.

É com esse episódio marcante que temos uma idéia sobre a razão do suicídio, pois o quê escrever na carta faz Regina refletir sobre os motivos para fazer tal ato. Então ela fala sobre o amor que a mata e tortura e ainda pensa sobre como o seu amado reagiria, pois provavelmente pensaria que aquilo era típico de uma mulher: ser tão sentimental a ponto de decidir morrer se

<sup>1</sup> Graduanda de Letras Português/Francês da Universidade Federal do Rio Grande e bolsista PIBIC-CNPq do projeto de pesquisa “Dicionário de autores de Rio Grande do século XIX”, sob a orientação do prof. Artur Emílio Alarcon Vaz.

não tivesse o amor de quem queria. E isso é o ponto principal nesta análise do conto, a mulher fragilizada.

É interessante que, nesse conto, como em vários outros de Revocata de Melo, podemos observar o olhar feminino sobre a mulher da virada do século XIX para o XX na cidade de Rio Grande, onde era predominante o número de escritores homens. Em alguns momentos, notamos que Regina quer sair dos estereótipos do sexo, como no trecho: "Mostremos ao mundo que a mulher também tem a sua têmpera de aço, disse, atirando a pena sobre o papel" (p. 18), o que ocorre após ela decidir não escrever a carta de suicídio, com medo do que poderiam pensar dela, pois os homens não a compreenderiam e provavelmente a classificariam de tola por ter tomado essa decisão.

Em seguida, a mulher é novamente mostrada como uma pessoa frágil que não conseguiria sustentar-se sozinha: "Regina era moça, e não pode deixar de vencer-se pela fraqueza do sexo" (p. 18). O narrador acredita que a mulher é diferente do homem, pois é delicada e fraca, chamando-a de sexo frágil. Mesmo tentando estabelecer uma nova imagem da mulher, a que pensa em ser livre e independente das regras da sociedade do período, o conto acaba sempre retornando a um ponto bastante desenvolvido por Simone de Beauvoir (1949): "A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro".

O narrador do conto sustenta esse estereótipo da mulher o texto inteiro, pois não vê a mulher como um ser humano igual ao homem, diferente apenas em aspectos fisiológicos, mas pensa na mulher como um indivíduo mais fraco, que deveria se espelhar no homem para ter a força que a impedisse de cometer alguns atos. Em toda a narrativa, vemos essa imagem da mulher, a que é o Outro, e nunca o Absoluto, como se fosse a fraqueza que diferenciasse a mulher do homem e, por isso, ela seria sempre o Outro que devesse se espelhar no Absoluto: homem.

Sabe-se que essa categoria de Outro é tão original quanto a própria consciência, cf. Simone de Beauvoir, pois sempre existiu e sempre existirá essa dualidade que é a do Mesmo e a do Outro; não se diz que algo é único sem colocá-lo imediatamente em frente a um Outro. A grande pergunta, ainda sem uma resposta definitiva, é por que o homem é colocado como o Sujeito e a mulher como o Outro? E é isso que notamos nesse texto, esta visão da mulher a partir de uma idéia já pré-concebida do conceito de masculino.

A personagem principal, antes de completar o ritual do suicídio, que se passa logo após desistir de escrever a carta, arruma-se:

Penteou-se cuidadosamente, com o esmero que costumava fazê-lo pensando em agradar aquele por quem sacrificava a vida, os sonhos, as aspirações, os seus afetos caros, tudo, enfim, que a prendia ao mundo (p. 12)

Nesse trecho, podemos notar novamente a mulher como frágil, submissa ao homem e, como ela não o pode ter, sua vida deve terminar. E, mesmo no momento de sua morte, Regina tem que parecer bela, para impressionar o homem amado, pois não seria digno de uma moça jovem e bonita - como ela é descrita no conto - aparecer descuidada, mesmo em um momento desses, em que provavelmente ninguém se importaria com a sua beleza.

A perda de alguém que se ama, ou a rejeição desse alguém, causa um efeito bastante comum, o luto. Nesse caso, não sabemos se a personagem perdeu alguém por morte ou se ela se encontra neste estado porque não conquistou a pessoa que ela queria, e isso causa o seu afastamento do resto do mundo. Neste sentido, Freud aponta que:

O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo - na medida em que este não evoca esse alguém -, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele. (p. 276)

E a personagem do conto parece se sentir assim, perdendo todo o interesse pelo mundo, o que nos leva a pensar que Regina está se sentindo inferiorizada pela imagem do homem, novamente, como se ela devesse sacrificar a sua vida por causa dele. Junto com a submissão da mulher no conto de Revocata de Melo, notamos que esse desconforto que a protagonista sente, além de ser pelo fato de ser uma mulher que não é correspondida pelo homem que deseja, vem da sociedade na qual ela está inserida.

Em “O mal-estar na civilização”, Freud diz que o mal-estar viria da nossa vida em sociedade, pois temos que controlar os nossos instintos e desejos mais primitivos pelo fato de vivermos em grupo. O homem só existe dentro da civilização, e é isso que causa o mal-estar. Portanto, junto com o prazer da vida civilizada vêm toda a insatisfação e o sofrimento, características marcantes nesse texto de Revocata, em que notamos uma constante insatisfação da protagonista em relação ao ambiente onde está inserida. Talvez Regina seja uma personagem com índole romântica inserida num ambiente realista, moderno, em uma constante procura pelo verdadeiro, em um mundo que privilegia o falso, e onde essa verdade é vista como a fragilidade da mulher, algo que seria vergonhoso para os homens.

Ainda poderíamos classificá-la, pela definição de Georg Lukács, de herói problemático, que seria um herói romanesco que vive em um mundo degradado, que acaba sendo considerado louco - se pensarmos por esse lado, o ato de cometer suicídio seria algo anormal para os padrões da sociedade, embora não possa ser considerado loucura - por buscar valores em um mundo de conformismo. No caso desse conto, quando não encontra os valores procurados, a personagem prefere morrer a continuar em um ambiente convencional.

Portanto, essa análise do conto “A suicida” apresenta uma parte do trabalho de Revocata Heloísa de Melo, com os elementos que compõem sua obra. Mesmo sendo uma escritora que fugia dos padrões para a época na qual escrevia, pois não era comum no período mulheres nessa profissão, e muito menos presenças femininas que tentavam conscientizar as leitoras de então, Revocata, apesar da intenção de defender a mulher e mostrá-la como alguém que pode ser independente, ainda está presa aos conceitos de sexo frágil.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. V. 1. São Paulo: Círculo do Livro, 1949.  
FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 271-293.  
FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p.75-171.  
LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. São Paulo: 34, 2006.  
MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 1978.  
MELO, Revocata Heloisa; MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Rio Grande: Globo, 1911.  
VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Edigal, 1991.